

Jornalismo literário nas organizações: uma alternativa ao lide tradicional¹

Myrian Larissa Brilhante Moura²

Ana Byatriz Moreira De Lima³

RESUMO: O presente estudo analisou a presença da linguagem literária no lide de duas matérias jornalísticas, *Aos filhos de Mãe Luíza* (2019) e *Oswaldo Lamartine de Faria* (2022), do jornalista José de Paiva Rebouças, publicadas no Portal UFRN, site institucional destinado à divulgação científica e cultural da universidade. Como aporte teórico foi utilizado Benetti (2008) e Garcia (2022) que estudam o jornalismo literário; Lage (2006) que discorre sobre o gênero notícia; Castro (2005) e Mendes (2001) que aproximam literatura e jornalismo; e Kunsch (2014) que traz a perspectiva da comunicação organizacional. Verificou-se que os lides dos textos analisados são robustos e a construção da história possui caracterização profunda e imagética do fato narrado, traço fundamental do jornalismo literário, o que reforça e enriquece o caráter institucional da atuação jornalística nas organizações.

Palavras-chave: Jornalismo literário; lide; linguagem; Portal UFRN; literatura.

Introdução

É sabido que como todo e qualquer gênero textual, o texto jornalístico possui características próprias na sua construção, havendo um objetivo comunicativo específico. Essa forma de comunicação escrita busca informar o público das informações relevantes e é produzida por um locutor específico, o jornalista, que utiliza de uma linguagem própria e convencional. Nesse sentido, esses textos geralmente seguem padrões particulares de organização e estrutura. A respeito disso, Benetti (2008, p.21) explica:

O jornalismo pode ser definido como um campo (BERGER, 1998; FERREIRA, 2002), relacionado a outros campos. Também pode ser compreendido como uma forma social de conhecimento (GENRO FILHO, 1987), cujo primeiro objetivo é oferecer o presente social (GOMIS, 1991; FRANCISCATO, 2005; KARAM, 2005), reconstruindo cotidianamente os eventos que dizem respeito ao homem, suas atividades, criações, interesses e equívocos.

A partir de uma análise histórica dessa área de estudo, Garcia (2022) expõe o surgimento do conhecido jornalismo literário, haja vista a necessidade de um texto jornalístico mais íntimo, conforme se lê:

Mas não era apenas o desejo de consagração enquanto escritor de romance realista que movia os jornalistas da época. Cansados do tom aborrecido e pálido que caracteriza a imprensa objetiva, esses repórteres não mais queriam ser escravos dos manuais de redação. A junção de inspiração e desejo de mudar os padrões “quadrados” do jornalismo diário deu origem ao movimento do Novo Jornalismo (Garcia, 2022, p. 98).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo e Literatura, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação (Intercom) na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024

² Estudante de Letras - Língua portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

³ Estudante de Letras - Língua portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Seguindo sua estruturação padrão, seja como literatura jornalística ou com fim único de transmitir uma notícia, o texto jornalístico apresenta em seu primeiro parágrafo o lead, ou lide, que “nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto” (Pena, 2017, p. 42). De acordo com Lage (2006), o lide é proposição completa, que está nucleada em uma locução verbal que contém um sujeito seguido de complementos verbais e quatro ou cinco circunstâncias, sendo duas delas de tempo e espaço, conforme se lê:

A documentação, em um, dois ou mais parágrafos, é o complemento do lide, que detalha e acrescenta informações sobre a ação verbal em si, os sintagmas nominais, os sintagmas circunstanciais ou quaisquer de seus componentes. O lide, na síntese acadêmica de Harold Lasswell, informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê. (Lage, 2006, p. 84)

Tal conceituação faz pensar sobre a rigidez com que se escreve o texto jornalístico nos grandes meios de comunicação brasileiros, principalmente aqueles veiculados em sites institucionais, cujo principal fim é divulgar notícias e avanços alcançados por uma determinada entidade pública. É nesse sentido que se apresenta o jornalismo literário, um novo modo de escrever notícia que tem como premissa um texto mais aprofundado, com maior liberdade de linguagem. Sobre esse gênero de texto, Garcia (2022, p. 95-109) conta:

É jornalismo. Mas não o jornalismo usual, predominante, esse em que o repórter, em nome da imprescindível busca da objetividade, se sente desobrigado de servir ao leitor mais que uma pilha de informações descarnadas - como se fosse isso a realidade. Como se a informação devesse ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronautas, que nutre sem a obrigação de ser palatável.

Diante disso, é cabível verificar a página institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Portal UFRN, um site de serviços criado com o intuito de partilhar, com a comunidade acadêmica e sociedade em geral, conhecimentos frutos da pesquisa e extensão produzidos no âmbito acadêmico. Nesse contexto, o presente trabalho analisa duas matérias, *Aos filhos de Mãe Luíza* (2019) e *Oswaldo Lamartine de Faria* (2022), ambas do jornalista José de Paiva Rebouças, e aborda a linguagem utilizada para a construção dos textos.

Diretor da Agência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Agecom/UFRN), Paiva Rebouças é mestre em Educação (Uern), especialista em Comunicação Organizacional (Estácio de Sá) e graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Uern. Atualmente, desenvolve pesquisa de doutorado em Demografia pelo Programa de Pós-Graduação em Demografia (PPGDem/UFRN), e produz reportagens na linha do jornalismo literário, político e cultural.

As matérias analisadas apresentam elementos de subjetividade na linguagem, característicos do texto literário, mas também do jornalismo literário, possibilitando nova

perspectiva na apresentação e consolidação da comunicação organizacional, ao redimensionar a visão da comunicação estratégica para uma abordagem mais holística e incorporar a dimensão cultural nos processos comunicativos, como propõe (Kunsch, 2014). Além disso, verificamos que o lide configura um espaço privilegiado para o uso dessa linguagem, como também demonstramos que o jornalismo literário pode ser uma alternativa complementar à comunicação institucional.

Metodologia

Esta pesquisa tem cunho bibliográfico e abordagem qualitativa de viés documental. Em diálogo com o que propõe Lopes (2010) acerca do Jornalismo Literário e do que estabelece Lage (2006) sobre o lide clássico, analisamos o uso da linguagem literária nas matérias *Oswaldo Lamartine de Farias, 2022*, e *Aos filhos de Mãe Luíza, 2019*, do jornalista potiguar José Paiva Rebouças veiculadas no Portal da UFRN. Por meio de Kunsch (2014), analisamos a perspectiva da comunicação organizacional. Para isso, assumimos a definição de jornalismo feita por Benetti (2008), e realizamos uma busca em Garcia (2022) sobre a reconstituição histórica do jornalismo literário. Em seguida, traçamos análise comparativa entre os parâmetros de conceituação do lide de Lage (2006) e os lides observados em Rebouças (2019 e 2022). Para agregar à discussão acerca das aproximações entre literatura e jornalismo, recorremos a Castro (2005) e Mendes (2001).

Fundamentação teórica

O jornalismo literário desempenha um papel importante, pois oferece uma abordagem mais profunda, reflexiva e envolvente das histórias e dos temas abordados, promovendo compreensão ampla e maior conexão emocional com o público. Tais aspectos são relevantes quando consideramos que a notícia tem um caráter não só informativo, mas também comunicativo. É nesse sentido que, para Lopes (2010, p. 3), “o jornalismo é muito mais do que uma mera tarefa/rotina informativa. Pensemos nos textos jornalísticos opinativos, expressão de personalidade e de estilo, de uma forma de conceber o mundo”. Acerca disso, Perez e Pinto (2013, p.3) relatam:

É o que acontece com o texto jornalístico-literário, que possui marcas textuais pertencentes aos dois universos. Como resultado desse processo, surge um produto híbrido, que representa a busca de uma estrutura textual complexa característica da literatura para retratar a informação factual típica do jornalismo.

Tais aspectos foram verificados no texto *Oswaldo Lamartine de Faria* do jornalista José de Paiva Rebouças. Como recorte para análise no presente momento, segue exposto o lide da matéria, principal trecho do texto em que o autor faz uso de uma linguagem literária:

Mobilizador de memórias, guardião de um tempo específico, marcado a ferro pela autenticidade que define a construção de um povo e de uma região peculiar do Brasil. Magro e reto como um personagem dos clássicos regionais do sertão, embora afiado como suas facas de ponta na assertividade e na decisão de amar e descrever seu status no mundo: o de sertanejo. Chamado de “sertanólogo”, Oswaldo Lamartine de Faria é, com certeza, um personagem do Brasil que ajudou a dar nome e visibilidade ao Rio Grande do Norte, sua terra, do mar à Caatinga. A memória do pesquisador e parte de seus estudos foram condensados em um trabalho inédito, disponível no Repositório Institucional da UFRN, em cinco volumes intitulado: O Sertão de Oswaldo Lamartine, e lançado por ocasião dos 60 anos da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN) (Rebouças, 2022)

O texto apresenta uma análise reverente de Oswaldo Lamartine de Faria, pesquisador que realizou estudos com olhos voltados para o sertão do Seridó, cravado no Rio Grande do Norte. A matéria destaca sua importância como um "mobilizador de memórias" e guardião da autenticidade de uma região específica do Brasil, o Rio Grande do Norte. Além disso, a descrição de Lamartine como um "sertanólogo" ressalta seu compromisso com o estudo e a compreensão do sertão brasileiro, uma região muitas vezes marginalizada e pouco compreendida.

Logo, Paiva utiliza uma linguagem evocativa para retratar Lamartine como um personagem dos clássicos regionais do sertão, sugerindo sua conexão profunda com a cultura e a paisagem da região. O lide também sugere que a comparação do personagem com as facas afiadas do sertão aponta sua determinação e clareza de propósito em descrever e amar sua terra natal. Todos esses aspectos, no entanto, vão além das informações fundamentais e rígidas sugeridas para a introdução do texto jornalístico. Tais interpretações são suscitadas pelo interlocutor com base em um repertório literário e analítico.

De modo a continuar com a análise da linguagem literária em textos jornalísticos, analisamos, ainda, outro lide do escritor Paiva (2019), apresentado abaixo:

Numa casinha de janelas ao estilo provençal, num dos morros mais altos do bairro Mãe Luíza, na zona Leste de Natal, o movimento ao final da tarde é intenso. O vai e vem frenético de crianças e suas mães chama a atenção de quem passa. No andar de cima, ao final de uma escadinha elegante de madeira, a médica Selma Jerônimo se comunica com a garotada em tom professoral. Dispostas no chão com olhos atentos, repetem com timidez as palavras em inglês da aula de línguas ministrada pela simpática voluntária. (Rebouças, 2019).

Em um panorama geral, o texto *Aos filhos de Mãe Luíza* trata do projeto Filhos de Mãe Luíza, apoiado pela UFRN, e do trabalho voluntário da médica Selma Jerônimo na ação extensora, em que ministra aulas de inglês para mais de 80 crianças da comunidade. Já no

parágrafo inaugural, o autor assume um tom cronista, marcado por excessivas descrições subjetivas de espaços, pessoas e sensações. A adjetivação, comum ao texto literário, é escassa no texto jornalístico, porque foge a um princípio basilar desse gênero: a objetividade que recusa os *ruídos de comunicação*.

A escolha por uma construção imagética do lugar e dos sujeitos evidencia o apelo literário ao qual recorre Paiva Rebouças durante todo o texto, mas que aparece de maneira mais significativa no lide da matéria. Se por um lado a elaboração dessa escrita não descarta a necessidade de responder às perguntas (quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê) que caracterizam, segundo Lage, (2006) o lide clássico, por outro, não se limita a elas. Tal construção serve tanto para fins práticos de contextualização, quanto para criar uma espécie de clima emotivo para o leitor.

O *clima* criado pelo autor nada mais é que a maneira que ele escolhe contar um fato: sobre o que lançar luz e como o fazer. Esse recurso técnico é amplamente utilizado na produção literária, na voz do narrador, na maneira como ele narra, quais apontamentos escolhe para compor a narrativa e quais deixa de fora. Além disso, no lide em questão, observamos que o uso dos verbos "é" e "chama" no presente do indicativo aponta para um recurso estilístico comum aos textos jornalísticos: a presentificação dos fatos.

Mas é válido pensar que se, em fins práticos, a utilização desse tempo verbal serve para dar um ar de atualidade ao fato noticiado, essa técnica nada mais é que uma manipulação da perspectiva do leitor. Em outras palavras, a ficcionalização da realidade. Nesse sentido, Mendes (2001, p. 400) aponta que "é inevitável a ficcionalização dos sujeitos reais, nas narrativas de realidade, porque o movimento narrativo é o mesmo no que toca à relação com o referente, na narrativa ficcional e na narrativa de realidade".

Numa perspectiva de comunicação organizacional, a apresentação de um texto com características literárias para relatar acontecimentos institucionais não distorce a seriedade de seus determinantes, mas reforça a importância de uma construção imagética com caráter de pertencimento. Segundo Kunsch (2014), essa abordagem mais ampla e humanizada da comunicação organizacional, que considera a subjetividade dos interlocutores sociais e busca a humanização das organizações em um mundo complexo, pode inspirar as organizações a inovar na forma como se comunicam por meio da escrita jornalística.

Conclusões

A partir de exemplos específicos, foi possível ilustrar como a abordagem artística e poética visa cativar o leitor e ressaltar a relevância cultural, social e histórica dos temas tratados, enriquecendo o caráter institucional da atuação jornalística nas organizações. Foi observado que o lide, a introdução do texto jornalístico, é o espaço onde essa linguagem literária se sobressai. Em suma, os textos analisados são caracterizados por um lide robusto, empregando uma linguagem literária que constrói uma narrativa vívida e profunda dos acontecimentos narrados.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. Revista Galáxia, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. Jornalismo e literatura: A sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2005.

DUARTE, Marina Lee Colbachini Sathler. SENTIDOS REVOLVIDOS NA REVISTA PIAUÍ. 2010. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Divulgação Científica e Cultural, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GARCIA, Raphaela Ramos. O JORNALISMO LITERÁRIO COMO GÊNERO DISCURSIVO. In: VALE, Lígia Gomes do. Letras e educação: encontros e inovações. 2. ed. São Paulo: Dialética, 2022. p. 95-109.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Comunicação Organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual. **Dossiê Matrizes**, vol. 8, núm. 2, janeiro-junho, pp. 35-61. Universidade de São Paulo - São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://abrir.link/ILguG>> Acesso em 28 de mar. 2024;

LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. São Paulo: Ática, 2011.

LOPES, Paula. Linguagem literária e linguagem jornalística: cumplicidades e distâncias. Universidade da Beira Interior. Lisboa. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11144/199>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MENDES, João Maria Gomes Ribeiro. Por que tantas histórias: o lugar do ficcional na aventura humana. 2001.

PENA, F. Teoria do jornalismo. São Paulo, contexto, 2017.

PEREZ, Juliana; PINTO, Márcia. A Desconstrução da Entrevista Jornalística em Clarice Lispector. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 15., 2013, Mossoró. Intercom. Mossoró: Intercom, 2013. p. 1-10.

REBOUÇAS, José de Paiva. Oswaldo Lamartine de Faria. 2022. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/59260/oswaldo-lamartine-de-faria>. Acesso em: 15 jan. 2024.

REBOUÇAS, José de Paiva. Aos filhos de Mãe Luíza. 2019. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/28868/ingles-aos-filhos-de-mae-luiza>. Acesso em: 15 jan. 2024.